

Nilton Bahlis dos Santos

OS SANDINISTAS ACELERAM O PASSO

O DIA A DIA DE UM PROCESSO REVOLUCIONÁRIO



2ª edição



ARQUIMEDES
EDIÇÕES

CORRESPONDÊNCIA
INTERNACIONAL

A figura do correspondente internacional é geralmente identificada com a mídia *mainstream*, com a geração de fatos, de verdades, que corroboram, de forma efêmera, as perspectivas das classes dominantes para as conjunturas específicas de cada país. Mas a força dos movimentos dos povos por sua autonomia e liberdade e a solidariedade internacional com esses movimentos revolucionários não prescinde de quem, estando presente de forma física ou se correspondendo com os atores dos eventos, fale dos acontecimentos para quem compartilha condições semelhantes, dentro de uma outra perspectiva, com a visão dos explorados e de sua história imediata.

A **Coleção Correspondência Internacional**, apresenta um conjunto de livros que têm formas textuais e processos de produção extremamente diversos, mas todos escritos no contexto das redes de solidariedade internacional latino-americanas dos anos 70 e 80, e pretende com isso transformar em memória aquilo que só pôde ser concebido pela inserção imediata na realidade social que a correspondência internacional propicia.

- **O estádio era mais alegre (Chile)**
- **Os sandinistas aceleram o passo (Nicarágua)**
- **E também lhes ensine a ler... (Nicarágua, pós revolucionária)**
- **Granada: um pequeno povo que resolveu libertar-se... (Granada)**
- **Concepções e prática dos revolucionários salvadorenses (El Salvador - No prelo)**

CI

CI

Nilton Bahls dos Santos

OS SANDINISTAS ACELERAM O PASSO



Nilton Bahlis dos Santos

OS SANDINISTAS ACELERAM O PASSO

O DIA A DIA DE UM PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL COMPANHEIRO DE 1978 A 1980

2ª edição

Coleção



Rio de Janeiro
Junho
2024

2024 - Direitos do autor resguardados pela licença criativa
Atribuição-NãoComercial Internacional (CC BY-NC 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

É permitido remixar, adaptar e criar a partir deste trabalho, para fins não comerciais, e os novos trabalhos têm de atribuir o devido crédito ao autor e não podem ser usados para fins comerciais, mas não necessariamente têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Edição digital integral gratuita e venda de exemplares impressos disponível em:

<https://arquimedesedicoes.com.br/sandinistas>

Recuperação de texto: Verônica Lima

Revisão: Tânia Mara Gouveia Leite

Edição, diagramação e capa: Arquimedes Celestino

Imagem da capa: GettyImages

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Nilton Bahlis dos

Os sandinistas aceleram o passo : o dia a dia de um
processo revolucionário / Nilton Bahlis dos Santos.
-- 2. ed. -- Rio de Janeiro : Arquimedes Edições,
2024. -- (Correspondência internacional)

ISBN 978-65-87992-08-2

1. Artigos de periódicos 2. Nicarágua - História
3. Nicarágua - Política e governo 4. Revolução social
I. Título. II. Série.

24-202737

CDD-972.85053

Índices para catálogo sistemático:

1. Nicarágua : História 972.85053

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



www.arquimedesedicoes.com.br

edicoes@arquimedesedicoes.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma reedição de uma obra criada no calor dos acontecimentos históricos, onde o jornalista e ativista Nilton Bahlis dos Santos apresentava a revolução sandinista da Nicarágua, suas conquistas táticas e seus recuos estratégicos, em artigos semanais no jornal “Companheiro” entre 1978 e 1980. Este conjunto de artigos foi lançado originalmente como livreto pela Editora Avante no final de 1980, sendo o primeiro volume da coleção “Internacionalismo Proletário”.

Na edição atual nos propusemos a contar “o dia a dia de um processo revolucionário”. Focamos na ação revolucionária antes da tomada do poder, como vivida e experienciada na época e suprimimos os artigos que tratavam dos planos e ações do novo regime.

O livreto “Os sandinistas aceleram o passo” na edição original de 1980 era dividido em três partes:

- “Vencer ou morrer!”, com este título estavam os artigos de cobertura das ações e estratégias sandinistas, publicados entre 10 de junho e 21 de agosto de 1979. As reportagens, análises, documentos e entrevistas que mostram

a força da unidade quando um povo não abre mão de controlar o seu destino.

- “Depois do triunfo”, os artigos publicados no jornal “Companheiro”, entre maio e junho de 1980, apresentava as planos e as primeiras ações do governo revolucionário nicaraguense. Nesta edição mantivemos desta seção apenas o artigo que dá o nome ao livro, “Os sandinistas aceleram o passo”, e suprimimos os artigos “Na insurreição cultural, um exército de professores”, “O povo é quem faz cultura”, “Os trabalhadores controlam a economia” e “Os organismos de poder popular”.
- Do “Apêndice”, a terceira parte, mantivemos um artigo publicado originalmente em uma revista editada na França quando da ofensiva de final de 1978, “¿Hacia una situación pre-revolucionaria?” e a descrição de conjuntura dos outros movimentos revolucionários da América central “Os guerrilheiros estão chegando”. Foram suprimidas uma entrevista, de agosto de 1979, logo após a vitória sandinista, com Angel Barrajon, representante do governo sandinista, e “As razões da unidade” que contém também trechos do “acordo de unidade”, documento de consolidação política da FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional.

***“Sólo los obreros y campesinos irán hasta el fin,
sólo su fuerza organizada logrará el triunfo”***

A. SANDINO



AS JORNADAS DE SETEMBRO DE 1978

À 25 de agosto de 78, o MPU (Movimiento del Pueblo Unido), que reunia 22 organizações populares políticas e sindicais, convoca a greve geral da Nicarágua. Dia 26, é o próprio patronato que convoca a greve, procurando utilizá-la como forma de pressão sobre o Somoza, para que este aceitasse negociar com a oposição burguesa. No entanto, a greve se prolonga, sem que Somoza se mostre disposto a negociar. A mobilização popular que se desenvolve e a iniciativa de certos setores sandinistas, que abrem confrontos armados com a Guarda Nacional, explodem num processo insurrecional.

Em diversas cidades, comandos sandinistas atacam casernas da Guarda Nacional para recuperar armamentos. Os confrontos que se desenvolvem a partir daí se transformam em ocupações de diversas cidades, durante vários dias. Em parte, impulsionados pelas organizações políticas dos sandinistas nas cidades, mas em grande parte também esponta-

neamente, setores da população, com as armas que podiam conseguir, começam a participar nos confrontos. Formam-se desta maneira brigadas que se colocam sob a disciplina e instrução das organizações sandinistas. A palavra de ordem “Elimine o teu soldado da Guarda Nacional” é levada à prática também por populares não organizados. As barricadas são levantadas praticamente em todas as cidades. Algumas cidades chegaram a ficar nas mãos dos sandinistas uma dezena de dias. Quando não era mais possível mantê-las, os guerrilheiros se retiravam de maneira organizada. Acompanhados daqueles combatentes e populares que os tinham apoiado mais abertamente, para evitar represálias.

Após a insurreição de 78, inúmeros combatentes se incorporaram às forças sandinistas, e inúmeras armas foram recuperadas.

Cresceu o isolamento internacional da ditadura de Somoza.

Para o povo nicaraguense, as jornadas de setembro foram um ensaio geral para a atual ofensiva. Em outras palavras, serviram para melhorar a correlação de forças do ponto de vista político e militar a favor dos sandinistas.

UM BALANÇO MILITAR: OS SANDINISTAS FACE AO PODER

“A insurreição sandinista foi derrotada!”

Nenhum jornal burguês, em nenhum canto do mundo, deixou de comentar assim, após as jornadas insurrecionais de setembro passado, o restabelecimento da ordem de Somoza na Nicarágua. Menos de um ano depois, a insurreição percorre todo o país.

UM EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO ENTRE AS FORÇAS DE SOMOZA E OS SANDINISTAS.

Após as jornadas de setembro, tanto a reação quanto o movimento popular buscam reorganizar suas forças para os futuros confrontos. Desde então, até o início deste ano, o imperialismo define algumas tarefas: 1) modernizar e reaparelhar a

Guarda Nacional; 2) reprimir os sandinistas e suas bases dentro do movimento popular; 3) buscar um acordo entre a oposição burguesa, Somoza e a Guarda Nacional, utilizando, para tanto, pressões de ordem política, econômica e militar; 4) isolar internacionalmente a FSLN.

Ainda que a reação tenha conseguido determinados sucessos (reaparelhamento do exército, formação de brigadas de mercenários; uma certa neutralização burguesa), o essencial destas tarefas não foi cumprido. As contradições burguesas não puderam ser reduzidas a ponto de permitir um acordo em torno de um projeto comum. Estas contradições têm uma base objetiva na crise econômica e, principalmente, na existência de um movimento popular suficientemente forte para lhe impedir qualquer saída. A nível internacional, em lugar de isolar a FSLN, quem se isola é a ditadura de Somoza. Mas o mais importante, é que, apesar da feroz repressão, a FSLN, em seu conjunto, acusa, após setembro, um crescimento quantitativo e qualitativo. A Guarda Nacional, mesmo que reforçada, não foi capaz de aniquilar ou neutralizar os sandinistas e suas bases de apoio dentro do movimento popular. Também é verdade que a FSLN tampouco consegue desarticular o eixo defensivo de Somoza.

A situação pode, portanto, ser definida como de equilíbrio estratégico, onde, apesar das forças somozistas serem melhor armadas, mais organizadas e numerosas (6.000 homens oficialmente, mas, na verdade, quase o dobro), as forças revolucionárias compensam tal debilidade no plano político. Os sandinistas têm uma predominante força política sustentando uma força militar regular (entre 2.000 e 3.000 quadros militares), enquanto a Guarda Nacional perdeu toda força de

sustentação política e se sustenta em uma força militar bem estruturada e armada, porém desgastada.

A ESTRATÉGIA MILITAR DO IMPERIALISMO

O que visava o imperialismo perante esta situação era romper a seu favor, o mais rapidamente possível, este equilíbrio estratégico. Para tal, seu objetivo era organizar com Somoza uma contraofensiva política e militar contra a FSLN. Destruindo as forças sandinistas, visava desarticular o movimento popular e criar as condições para uma retirada de Somoza nos quadros de uma "reorganização democrática" do país.

A recente "Operação Xeque-mate ao Rei 2" pode ser compreendida neste quadro. A existência da Frente Guerrilheira Sul "Benjamim Zeledon" obriga a Guarda Nacional a manter aí paralisados entre dois e três mil soldados. O objetivo dessa operação era, portanto, aniquilar ou neutralizar esta frente e, assim, liberar o grosso dos efetivos da guarda aí estacionados, para deslocá-lo, para enfrentar a Frente Guerrilheira Norte "Carlos Fonseca". A situação de equilíbrio estratégico obriga Somoza a concentrar suas forças para desarticular, um por um, os destacamentos sandinistas. Como a Frente Norte é mais antiga e consolidada, começar-se-ia pelo Sul, para depois deslocar as forças que estavam aí, para concentrá-las no Norte. Por outro lado, a Frente Sul não poderia ficar desguarnecida, por ser uma posição estratégica. Ela abre caminho tanto para o Oceano Pacífico quanto para a fronteira da Costa Rica, de onde podem chegar reforços e armas para os sandinistas.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia esta ofensiva, setores da oposição burguesa tentavam armar destacamentos,

que, num momento decisivo, poderiam servir ou para negociar com os sandinistas um desarmamento, ou para substituir, ou servir de eixo para a reorganização da Guarda Nacional.

CONSOLIDAR O EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO

“A principal preocupação da FSLN-Proletária se centra em manter o ascenso estável da luta popular e a sua sustentação, enquanto se busca materializar a unidade na ação das tendências da FSLN e elevar a capacidade prática da massa para a sua incorporação combativa na insurreição armada. Ao mesmo tempo se impulsiona a organização dos Comitês de Defesa das unidades geográficas que apareceram como verdadeiros órgãos de decisão popular. Estas tarefas eram apontadas pela Tendência Proletária dos Sandinistas após as jornadas insurrecionais de setembro.

O objetivo dos sandinistas no período posterior a setembro pode ser considerado como o de manter o equilíbrio estratégico e criar condições para rompê-lo do ponto de vista da revolução. Neste sentido as tarefas enfrentadas pelos sandinistas, poderiam ser sistematizadas da seguinte maneira: 1) resguardo e consolidação do exército sandinista, impedindo o seu aniquilamento ou desarticulação; 2) reforçamento do exército sandinista, incorporando e preparando os combatentes que foram recrutados no período de setembro, do mesmo modo que organizando brigadas internacionais com voluntários recrutados em toda a América Central; 3) aumentar o potencial bélico, que hoje já conta com armamento pesado (bazucas, canhões e metralhadoras antiaéreas); 4) resguardo das bases sociais dos sandinistas e ampliação do seu potencial

político e militar, através da ampliação do trabalho político e organizativo com as massas (desenvolvimento dos organismos de poder, formação e instrução de milícias armadas, armamento popular etc.); 5) neutralização da oposição burguesa e das manobras imperialistas no sentido de uma transição a um sozismo sem Somoza.; 6) avanço na unidade e coordenação na ação das três tendências da FSLN; 7) aumento da representatividade internacional da FSLN e isolamento internacional da Ditadura de Somoza.

Para levar a bom termo estas tarefas, os sandinistas criam uma Coordenação Nacional das três tendências, composta de três elementos de cada tendência.

Destacaram diversos representantes para diversos países do mundo, com o objetivo de trabalhar pelo rompimento de relações destes países com Somoza, pelo reconhecimento de que não existe solução política na Nicarágua que não considere os sandinistas e, para recolher dinheiro, medicamentos, armas e mesmo voluntários para o reforçamento do exército sandinista. Por último, abriram a ofensiva militar, que ora está em curso.

A OFENSIVA MILITAR DOS SANDINISTAS

Para garantir o equilíbrio estratégico e acumular forças para desequilibrá-lo a favor do sandinismo, era fundamental impedir o "golpe democrático", que planejava o imperialismo para se desembaraçar de Somoza sem tocar na Guarda Nacional. Por outro lado, era necessário impedir a destruição das forças sandinistas e suas bases de apoio. Para levar a cabo estas duas tarefas é que se desenvolve a ofensiva atualmente

em curso. Por um lado, porque colocados na defensiva, as classes dominantes e o imperialismo passam a temer que um golpe possa desarticular o seu eixo defensivo. Por outro lado, esta ofensiva impede a concentração de forças da Guarda Nacional com o objetivo de desarticular a Frente Sul.

De passagem por Paris, a companheira Gioconda Belli, representante da FSLN, explica: "Nós não queremos cometer os erros de setembro último. Nas cidades, são os grupos guerrilheiros que agem. Paralelamente, buscamos organizar os habitantes por quarteirões". Evitando reter o controle das cidades até serem desalojados, os guerrilheiros optam, desta vez, por uma tática mais flexível, com objetivos fundamentalmente políticos: desenvolvimento da consciência, organização e armamento popular por um lado e, por outro, isolamento político e desmoralização da Guarda Nacional, com o objetivo de favorecer a decomposição desta. Não se trata mais de ocupar cidades, muito menos de mantê-las, mas de multiplicar os enfrentamentos, de fatigar e desmoralizar as forças da ditadura. Os guerrilheiros retiram-se após terem cumprido seus objetivos limitados.

No Sul, os sandinistas conseguiram neutralizar a "Operação Xequemate ao Rei 2". Aí os confrontos foram extremamente violentos. Dia 2 de junho, a Guarda conseguiu um cerco sobre 200 guerrilheiros e os submeteu a um bombardeamento pesado, mas eles conseguiram romper esse cerco e até derrubar dois aviões. Alguns dias depois, a Rádio Livre dos Sandinistas anunciava que os sandinistas controlavam o porto de Naranjos, a 5 km da fronteira da Costa Rica, além de controlarem uma área de algumas dezenas de quilômetros. O controle desta região tem um valor estratégico. Primeiro, porque

paralisa uma importante força da Guarda Nacional, segundo, porque serve de corredor para a chegada de reforços, tanto da Costa Rica, como pelo mar.

Para dificultar a ação da Guarda Nacional e incorporar parcelas mais significativas do movimento popular à atual ofensiva, desde o dia 4, os sandinistas impulsionavam uma greve geral, que paralisou toda a atividade produtiva do país. No mesmo dia, uma força de 300 homens, comandada pelo comandante Modesto, penetrava pelo nordeste do país e abria uma nova frente guerrilheira a 200 km de Manágua. Com a greve, por sua vez, a situação insurrecional se desenvolve em Manágua. Dia 11, os guerrilheiros submetiam a intenso bombardeio o próprio palácio de Somoza.

Quando fechamos nosso artigo, não se podia prever ainda uma saída para a atual situação. A ofensiva tem seus objetivos centrais assegurados: ela consolida o equilíbrio estratégico, impede um afastamento de Somoza mantendo o somozismo, rompe o cerco e a tentativa de aniquilamento da Frente Sul, consolida e desenvolve o exército sandinista, as organizações e o movimento popular. Porém, o sucesso da ofensiva pode ir ainda mais longe e, mesmo, quebrar o eixo defensivo de Somoza e desequilibrar a correlação de forças a favor da revolução.

De qualquer maneira, todos os planos do imperialismo e da burguesia nicaraguense deverão ser revistos e adaptados a uma situação em que os guerrilheiros e o movimento popular não só são capazes de garantir a sua sobrevivência e continuidade, mas também garantir uma capacidade de iniciativa e ofensiva crescente.

QUANDOS OS RATOS ABANDONAM O NAVIO

Entre os marinheiros, diz-se que uma maneira segura de saber se vem tempestade ou se existem riscos, é ver se os ratos estão abandonando o navio. Na política, podíamos dizer que o grau de apodrecimento e risco de naufrágio de um governo burguês pode ser observado verificando se o corpo diplomático e os assessores militares americanos estão abandonando o país. Pois no dia 11 passado, o Departamento de Estado dos EUA comunicava que uma centena de famílias americanas seria repatriada da Nicarágua.

O fato é que a ofensiva sandinista, que visava impedir um “golpe democrático” que afastasse Somoza, mas deixasse intacta a Guarda Nacional, e que visava impedir o cerco e aniquilamento da Frente Guerrilheira do Sul, agora está a ponto de levar a cabo a queda de Somoza.

Tendo pela frente um exército guerrilheiro bem armado, com um comando unificado, uma greve insurrecional e o desenvolvimento de organismos de poder popular, a Guarda Nacional começa a mostrar seus primeiros sintomas de esgotamento e desmoralização. Sem conseguir enfrentar o fustigamento permanente, que se desenvolve em inúmeras frentes, ela começa a mostrar, pela primeira vez, sintomas de decomposição. Neste quadro, às vezes pequenas coisas podem decidir. Pequenos erros poderão levar a que se quebre o sistema defensivo de Somoza e que se chegue ao desmoronamento de seu exército e de seu poder.

Desmoronando-se o poder no nível interno, o imperialismo poderá, a partir daí, jogar a cartada da internacionalização do conflito e da intervenção direta. Certo, a situação internacional não lhe é favorável: a recente experiência do Vietnã, a possibilidade de enfrentar uma resistência encarniçada, que não se limite à Nicarágua, mas incendeie a América Central. Mas joga-se muito na Nicarágua. Uma revolução vitoriosa naquele país teria consequências imediatas no ascenso da revolução em El Salvador e Guatemala. E isto desequilibraria toda a geopolítica na América Latina, que é onde o imperialismo procura reagrupar forças para enfrentar sua crise internacional. A demonstração da impossibilidade de manter o poder apenas pela força traria consequências no nível de todas as ditaduras do continente. As massas populares mais uma vez teriam o estímulo de uma experiência vitoriosa... como em Cuba.

As dificuldades de intervir não impedem que se intervenha. Forças mercenárias, conselheiros militares israelenses, tropas salvadorenhas e guatemaltecas já atuam sob a bandeira

ra de Somoza e com o uniforme da Guarda Nacional. O que mudaria é que, com o desmoroamento da Guarda Nacional, eles teriam que intervir mais abertamente, com a bandeira da OEA (Organização dos Estados Americanos), do Codeca (Conselho de Defesa Centro-Americano) ou a chamado da oposição burguesa da Nicarágua, que conferisse legalidade a essa intervenção.

O internacionalismo, a solidariedade internacional, neste momento, passa a ser decisivo. A solidariedade em armas, dinheiro e medicamentos que vem sendo levantada em todo o mundo, a formação de Brigadas Internacionais que vem se verificando em toda a América Central para engrossar as fileiras dos sandinistas, são exemplos importantes. A organização de Comitês de Solidariedade com o objetivo de organizar uma campanha pelo rompimento das relações com Somoza e de impedir que os diferentes governos burgueses e, em particular, as ditaduras militares, socorram a burguesia nicaraguense, são tarefas de todos nós. Porque pode ocorrer agora a retomada do processo revolucionário na América Latina e porque a revolução na Nicarágua depende também de nós.

OFENSIVA GERAL SANDINISTA

Nos últimos dias, a correlação de forças se desenvolve a favor dos sandinistas e a ofensiva insurrecional entra em uma nova fase. Tendo conseguido romper o cerco no Sul e dispersar a Guarda Nacional em meados da semana, os sandinistas concentram sua ofensiva na Capital, ocupando praticamente metade da cidade. A Guarda é obrigada a deslocar as tropas do Sul para Manágua, o que lhe permite parar a ofensiva na Capital. No entanto, os sandinistas retomam a ofensiva no Sul, criando uma cabeça de ponte para a entrada de armamento pesado e munição, que já começaram a se esgotar. Na sexta-feira, uma nova coluna guerrilheira com cerca de 300 homens (com a participação de revolucionários de vários países), veículos pesados e armamentos sofisticados penetra pela fronteira da Costa Rica. Na nova fase da ofensiva aparecem novos elementos na tática dos sandinistas: Primeiro, garantir o fustigamento em nível nacional, mas também co-

meçar a reter o controle de determinadas cidades; Segundo, explorar a fadiga e a desmoralização da Guarda, chamando soldados da Guarda Nacional à deserção e oferecendo-lhes a possibilidade de se renderem e saírem do país. Os sandinistas visam, assim, facilitar a decomposição das forças de Somoza; Terceiro, uma dupla ofensiva em Manágua e no Sul busca dividir as forças da Guarda.

Seja derrubando o poder de Somoza em Manágua, seja consolidando uma área liberada no Sul, os sandinistas poderiam criar um governo provisório e reivindicar o reconhecimento internacional. Isto reduziria a possibilidade de uma intervenção externa, ao mesmo tempo que lhes daria melhores condições para receber apoio militar no exterior.

A Guarda e Somoza ainda não dão tudo por perdido. Perante a nova fase da ofensiva, buscam explorar o seu melhor armamento, que é decisivo em uma guerra de posições.

Os sandinistas estando concentrados em algumas posições, a Guarda poderia utilizar a aviação para aniquilá-los, junto com a população civil que os sustenta nestes locais. No entanto, a Guarda Nacional parece estar no limite de suas forças e seu eixo defensivo pode ruir a qualquer momento. Aparentemente, apenas uma intervenção exterior poderia recompô-lo. Para a burguesia internacional restam duas alternativas: ou correr os riscos de uma intervenção deste tipo, ou entrar em acordo com os sandinistas, aceitando um governo provisório, para depois tentar dividi-los.

PROPOSTA DOS EUA NEUTRALIZADA NA OEA

Na impossibilidade de propor uma intervenção da Organização dos Estados Americanos – OEA – na Nicarágua para defender Somoza, os Estados Unidos propuseram uma intervenção... para “derrubá-lo”. Sua proposta, feita na reunião da OEA, convocada em caráter de urgência, não conseguiu camuflar a situação, a tal ponto que terminou por não ter o apoio de ninguém. Na verdade, a “derrubada” de Somoza previa diferentes fases. Primeiro, uma intervenção militar da OEA para “separar combatentes” (isto é, impedir que os sandinistas terminassem de derrubar Somoza). Depois, um plano de “retirada de Somoza e formação de um governo de reconciliação nacional com a participação de todos os setores da população” (isto é, inclusive com o partido de Somoza). As posições dos diferentes governos da

América Latina se dividiram em duas. Por um lado, as ditaduras que mais se identificam com Somoza, como El Salvador e Guatemala, foram contra. Não aceitavam sacrificar Somoza nem mesmo para salvar o somozismo. Por outro lado, aqueles governos (ditaduras ou não) como Peru, Venezuela, México, entre outros, que não aceitavam correr o risco de uma intervenção. No meio, restaram alguns que preferiam a proposta dos EUA..., mas tinham medo dos riscos da intervenção (entre eles o Brasil).

A declaração dos sandinistas e do seu Governo Provisório, dizendo que resistiriam a qualquer intervenção, assim como a declaração de Cuba dizendo que se solidarizaria com essa resistência, fez a correlação de forças pesar para o lado da não-intervenção da OEA. Afinal, os riscos se ampliavam. A proposta dos Estados Unidos foi isolada. Após pedirem um adiamento da votação em nome da "unidade da OEA" como um meio de ganhar tempo, seu representante terminou por ceder e retirar sua proposta. Foi então aprovada, por 17 votos, uma resolução propondo a "substituição de Somoza por um governo democrático", mas sem prever nenhuma forma de intervenção da OEA nesse processo.

Contra esta proposta, com que até os sandinistas dizem "estar de acordo" (já que ela neutraliza totalmente a ação da OEA), somente houve os votos do próprio Somoza e do Paraguai (afinal, entre Somoza e Stroessner...). Cinco abstenções também mostraram a perplexidade e o desconhecimento das cinco ditaduras (Chile, Uruguai, Guatemala, Honduras e El Salvador) que mais se identificam com o governo de Somoza.

A reunião da OEA termina antes de tudo com a vitória dos sandinistas, os quais, pelo menos, momentaneamente, neutralizaram sua intervenção. Evidentemente isto não significa uma neutralização da intervenção exterior. Soldados mercenários de diversos países, conselheiros israelenses, destacamentos dos exércitos salvadorenho e guatemalteco há algum tempo estão na Nicarágua, numa intervenção apenas camuflada pelo uso de uniformes da Guarda Nacional e por certidões e documentos de identidade falsificados por Somoza. Soma-se a isto tudo o apoio logístico e de armamentos da Condeca (Conselho de Defesa Centro-Americano), dos próprios Estados Unidos e da Argentina, entre outros.

EUA: UM TIRO PELA CULATRA

Mas a reunião da OEA indica também uma diminuição da influência absoluta dos Estados Unidos neste organismo e um certo avanço da política social-democrática e do imperialismo europeu liderado, principalmente, pela Venezuela. Esta política procura colocar em segundo plano as intervenções diretas (pelo menos quando estas não parecem efetivas) e buscar formas de intervenção indireta através de pressões políticas e econômicas e da busca de outras formas de dominação "mais democráticas". A política desses países visa não se desligar dos sandinistas e procurar amarrá-los por acordos e pela dependência econômica. Na verdade, um apoio em armamento aos sandinistas já seria suficiente para acabar definitivamente com Somoza. Eles esperam que o prolongamento da guerra e a ausência ou "apoio a conta-gotas" desgaste e debilite as forças sandinistas arruinando, ao mesmo tempo,

a economia nicaraguense. Assim, a vitória dos sandinistas dar-se-ia num quadro de debilidade e dificuldade que facilitaria, segundo pensam, negociar acordos com os setores mais atrasados dos sandinistas, buscando pressioná-los no sentido de maiores concessões para a oposição burguesa.

Os Estados Unidos já tiram suas experiências desta perda de influência. Desde o dia 21 de junho que o Pentágono começa a organizar uma “força especial de intervenção no terceiro mundo”: um corpo militar especial composto de 110 mil soldados das três armas e “destinado a intervir sobre todos os teatros de operação do terceiro mundo, quando os interesses dos Estados Unidos estiverem ameaçados”. Esta força teria armamento, munições e logística, que lhe permitiria uma autonomia de ação durante 60 dias. Com essa força, os Estados Unidos pretendem superar a hesitação que tem marcado sua intervenção nos últimos acontecimentos mundiais, como no Irã e na Nicarágua. A experiência vem mostrando que o seu sistema, fundado sobre alianças regionais, consideradas capazes de jogar o papel de polícia em determinadas regiões do mundo, não lhe oferece hoje garantias suficientes num momento em que se questiona sua hegemonia. Os Estados Unidos procuram, assim, criando uma força própria de intervenção, não deixar que seus interesses no terceiro mundo dependam exclusivamente de seus aliados. Isto porque esses aliados às vezes se mostram incertos e incapazes de dominar a situação, além de fazerem passar em sua política os seus interesses específicos, em prejuízo dos Estados Unidos, o pólo hegemônico do sistema imperialista.

GOVERNO PROVISÓRIO EM RIVAS?

Matagalpa, Leon, Diriamba e Masaya, uma a uma, as principais cidades do país caíram nas mãos dos sandinistas. Em Manágua, a situação estava estacionária até o início da última semana (25 de junho), quando Somoza ordenou nova ofensiva contra a parte da capital liberada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN. Esta ofensiva, que contou com intensos bombardeios aéreos e grande concentração de tropas (resultando no assassinato de cerca de dez mil pessoas), leva os sandinistas a definir nova tática.

Embora as linhas de defesa sandinistas em Manágua não tivessem sido rompidas por Somoza (chegando ele até a ser surpreendido pelo aparecimento de aviões da “Força Aérea Sandinista”), a FSLN iniciou a retirada de suas forças da capital, rumando para Rivas. Manter a posição em Manágua poderia significar uma perda desnecessária de forças. Como assinalou o artigo de Companheiro nº 6, o objetivo principal

da FSLN na atual etapa da luta é atingir um equilíbrio estratégico e não necessariamente dar já o golpe final em Somoza. Neste sentido, a permanência em Manágua tornou-se menos interessante do que consolidar as posições conquistadas no sul. Lá, a FSLN tem avançado lentamente, ampliando a área liberada na fronteira.

O deslocamento das forças de Manágua para Rivas viria auxiliar a tomada desta cidade, consolidando a Frente Sul. Isto aguçaria o isolamento de Manágua – entre o sul, Masaya e Leon, já ocupadas pelos sandinistas, e permitiria dar um passo político de grande importância: a instalação do governo provisório, formado pela FSLN, pelo Movimento Popular Unido (MPU) e pela Frente Patriótica, dentro do país. A instalação do governo, ao que tudo indica, em Rivas, parece ser agora o objetivo imediato da FSLN. Se esse objetivo for atingido, o equilíbrio da situação interna será consolidado de modo favorável aos sandinistas.

Já no plano internacional, a correlação de forças evolui mais rapidamente a favor dos sandinistas.

SOMOZA FICA SOZINHO

Nos últimos dias, três países (Cuba, Granada e Panamá) reconheceram o governo provisório formado pelos sandinistas. Os cinco países do pacto andino reconheceram-no como “beligerante”. Diversos países, entre eles o Brasil, começam a abandonar Somoza e a romper relações com seu governo. Até mesmo os Estados Unidos já se mostraram dispostos a abandoná-lo. Na reunião da OEA, convocada em caráter de urgência, não conseguiram passar nenhuma proposta favorável a

Somoza. As propostas de intervenção foram neutralizadas e foi aprovado um repúdio a Somoza. O apoio internacional à Guarda Nacional passa, assim, a ser dificultado, mesmo que possa continuar sendo dado por baixo do pano. Este apoio é vital para uma força militar que não conta mais com nenhum suporte político no interior do país. A ampliação de um apoio internacional aos sandinistas poderá desequilibrar a situação definitivamente em favor da FSLN.

Portanto, tudo se volta para resolver o que será o pós-Somoza. A burguesia internacional procurará pressionar de todas as maneiras possíveis para levar os sandinistas ao máximo de concessões. A intervenção exterior camuflada que já existe, visa hoje menos a sustentar Somoza, do que a desgastar as forças sandinistas e criar-lhes dificuldades, obrigando-os a fazer concessões. A possibilidade de uma intervenção imperialista aberta, ainda que mais reduzida neste momento, fica agora como uma carta a ser utilizada, dependendo da situação.

O futuro da Nicarágua depende hoje mais do comportamento da FSLN do que de Somoza. Da capacidade de manter a unidade, de reforçar os seus setores mais consequentes. Depende também da sua capacidade de enfrentar as pressões e de fazer o mínimo de concessões. De responder aos interesses dos trabalhadores e oprimidos e apoiar-se cada vez mais em suas forças organizadas armadas. Da capacidade dos sandinistas de enfrentar e resolver estas tarefas, depende agora a continuidade do processo revolucionário.

Mas essa capacidade, depende também da habilidade de neutralizarmos as pressões internacionais e de contribuirmos com nossa solidariedade para reduzir as suas dificuldades.

DO EQUILÍBRIO À OFENSIVA ESTRATÉGICA

Alguns dias após o início da atual ofensiva (ver *Companheiro*, nº 6), dizíamos que o objetivo dos sandinistas era consolidar o equilíbrio estratégico entre as suas forças e a Guarda Nacional. Tomando iniciativa no campo militar, a Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN – visava impedir a campanha de cerco e aniquilamento de suas forças no Sul e a uma reorganização do regime, com o objetivo de criar as condições para dividir e golpear o movimento popular em seu conjunto.

A ofensiva que então se desenvolve pode ser dividida em três momentos principais: no primeiro momento se desenvolvem ações em distintos pontos do país, que visam dispersar e desgastar as forças da Guarda Nacional, e incorporar o movimento de massas nos combates. Nesse período, que

vai até os primeiros dias de junho, quando do apelo e início da greve nacional, a agilidade é o fator mais marcante. Atacam-se distintos pontos em diversas cidades, ocupam-se casernas levando armamentos, e desenvolve-se uma intensa agitação política para, a partir dela, organizar e armar setores populares em milícias. Quando a Guarda reorganiza suas forças e procura contra-atacar, então a retirada e o ataque em outros pontos... Enquanto a Guarda Nacional desgasta e dispersa forças, os sandinistas acumulam as suas, incorporando novos combatentes ao seu exército, desenvolvendo suas bases de sustentação dentro do movimento popular, e melhorando seu armamento.

O segundo momento se desenvolve a partir da greve geral (após a primeira semana de junho), quando as forças acumuladas pelos sandinistas lhes permitem começar a combinar uma guerra de movimentos com uma guerra de posições. Dois novos aspectos aparecem nesse período: começa-se a reter cidades e a procurar decompor o poder. Procura-se quebrar o reconhecimento internacional de Somoza e isóla-lo (neutralização de uma intervenção da OEA, formação do governo provisório e apelo internacional ao rompimento de relações com Somoza), e procura-se a decomposição da Guarda Nacional com apelos à deserção. Uma dupla ofensiva no sul e em Manágua obriga concentração de forças da Guarda Nacional nestas duas frentes, o que visa permitir aos sandinistas, em cerca de dez dias, a ocupação de uma vintena de cidades, em particular na parte noroeste do país.

Passa-se então ao terceiro momento: consolidar a ocupação da região noroeste e de outras cidades. Em 18 de junho, a tática da Frente Sandinista pode ser resumida no

seguinte: consolidar a frente ocidental e acabar com as reduzidas e isoladas guarnições em um vasto setor compreendido entre Leon, Matagalpa e Octoal; ao mesmo tempo, iniciar uma guerra de desgaste nas frentes centro e sul. A consolidação da frente noroeste dividiria o país em dois, criando uma imensa área liberada, capaz de abrigar o governo provisório. A destruição das guarnições nas áreas ocupadas permitiria liberar forças sandinistas para serem deslocadas para as frentes centro e sul, ao mesmo tempo que, com a ocupação dos quartéis os sandinistas, se apossariam de um importante armamento.

É nesse momento que a Guarda Nacional “derrota” os sandinistas em Manágua. Na verdade, o que acontecia, ao contrário do que pretendia a imprensa burguesa, era que o objetivo dos combatentes de Manágua não era ocupá-la, mas reter aí forças da Guarda Nacional. Durante o período de ocupação de uma parte de Manágua, os sandinistas obrigavam a Guarda a dispersar forças, o que lhes permitia ocupar o Norte e várias cidades, ao mesmo tempo que permitia a organização e armamento de parcelas de população da capital, criando, assim, bases para uma ofensiva futura. O “Serviço de Imprensa da FSLN” no dia 19 de junho, por exemplo, noticia: “Centenas de operários de Manágua... treinam-se militarmente ou combatem ao lado da Frente Sandinista. O setor da capital ocupado pelos esquadrões sandinistas se transformou no epicentro do recrutamento de militar de jovens e adultos”.

Dia 27 de junho, os sandinistas se retiraram do centro de Manágua.

Esta retirada visava, face a uma contraofensiva de Somoza, impedir a destruição de forças guerrilheiras e o mas-

sacre da população por bombardeios aéreos, permitindo, ao mesmo tempo, deslocar forças para a consolidação de outras áreas. Nas redondezas da cidade, mantém-se ainda um fustigamento com o objetivo de obrigar a Guarda Nacional a manter tropas na região.

Nos primeiros dias de julho, a FSLN procura consolidar e ampliar a área liberada no Sul, que já abrangia Cardenas, Tiruri, Aguaate, Boca de Sabalo, Las Palmas, Colon e os vales vizinhos. Dia 5 de julho é a vez de Rivas, a capital provincial (uma segunda localidade onde poderia ser instalado o governo provisório).

A NOVA OFENSIVA SOBRE MANÁGUA

Dia 9 de julho à noite, a rádio Sandino anunciava que os sandinistas haviam começado a marchar sobre Manágua com colunas vindas de Leon, Diriamba e Jinotepe. A consolidação da ocupação em diversas cidades lhes permitia agora deslocar forças para Manágua. Dia 10 de julho, um expert militar descrevia assim a situação: "a tropa da Guarda Nacional não tem mais que três semanas de reservas de munição. Ocupado todo o Norte, os sandinistas não precisam mais do que algumas armas antiaéreas para isolá-la no Sul, onde as forças da Guarda só estão podendo abastecer-se por ar, visto o cerco dos sandinistas".

A ofensiva em Manágua, por sua vez, obrigaria a Guarda a paralisar a contraofensiva que há três dias se está desenvolvendo em Massaya (45 km ao sul de Manágua), e obrigá-la a desguarnecer o Sul do país, permitindo assim a ampliação

da área liberada naquela região e aniquilando aí as forças somozistas.

Controlando o Norte e o Sul do país, controlando a maior parte das rodovias e paralisando os meios de comunicação da Guarda Nacional se não intervém uma “solução política” ou uma intervenção militar exterior, os sandinistas estarão em condições para passar à fase de ofensiva estratégica, concentrando suas forças sobre Manágua.

AS DIFICULDADES DO IMPERIALISMO E DOS PATRÕES

Votar em favor da demissão de Somoza na reunião da OEA (Organização dos Estados Americanos) era uma coisa. Assistir passivamente ao dismantelamento de uma ditadura intimamente ligada aos interesses americanos, por um movimento popular armado, é bem outra. Após a OEA, como era de se esperar, o Pentágono e a diplomacia de Carter têm dedicado uma boa parte de seu tempo e de seu sono para tentar impedir a catástrofe: a construção de um novo Estado Socialista em plena América Central. As consequências disso podem ser vistas através da pequena notícia: "os sandinistas ocuparam e cortaram a 'carretera panamericana' no ponto tal". A "carretera panamericana" é uma rodovia que começa nos Estados Unidos e, costeando o Oceano Pacífico, vai até o extremo Sul da América. Que simbolismo! A rodovia pa-

americana, símbolo da “integração da América Latina” sob controle dos EUA, cortada logo ali, quase ao lado da fronteira americana.

CRIAR OS MEIOS PARA INTERVIR

O problema central de toda a luta política e de toda a guerra é o de ter as suas próprias forças para intervir. É a partir dos próprios batalhões que se pode buscar alianças e tentar a neutralização da força do inimigo. Pois, neste momento, os Estados Unidos não têm forças com as quais podem contar na Nicarágua. Com a neutralização da OEA e com a derrota política e militar de Somoza, os EUA ficariam sem nenhuma possibilidade de intervenção.

A política atual americana visa hoje fundamentalmente resolver este problema. Em primeiro lugar, trata-se de se desvencilhar de Somoza tentando impedir que a derrota deste signifique a derrota da Guarda Nacional. As pressões, tentativas de golpe visam afastar Somoza “antes que seja tarde”. Afastado Somoza antes que seja destruída a Guarda Nacional, o imperialismo teria um ponto de partida para recompor suas forças. Em segundo lugar, uma nova equipe no poder permitiria aos EUA, talvez, superar a neutralização da OEA, isto é, permitir que esta interviesse para ajudar a derrubada de Somoza. Em terceiro lugar, trata-se de recuperar uma parcela da burguesia e da pequena burguesia, neutralizada ou atraída pelos sandinistas. Para isso, colocam-se “condições” para a Frente Patriótica e a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional), buscando dividi-los. Daí a importância de manter o apoio militar a Somoza. Com isso, além de preservar as forças

da Guarda Nacional, procura-se desgastar as forças sandinistas, as suas bases de sustentação e criar o máximo de problemas para estes no momento posterior. Ao mesmo tempo, já se acena com promessas de ajuda econômica a um futuro governo... sob "determinadas condições".

A política americana neste momento pode ser sistematizada da seguinte forma: 1 – afastar Somoza através de pressões, promessas, e se necessário e possível (em função da resistência deste), através de um golpe militar; 2 – tentar resguardar a Guarda Nacional, impedindo que esta se decomponha ou seja aniquilada; 3 – atrair os setores da oposição burguesa que hoje estão neutralizados pela FSLN e neutralizar setores do sandinismo e do movimento popular, através de uma guerra de desgaste e de promessas (ao mesmo tempo batendo e oferecendo a mão); 4 – romper o isolamento internacional e superar a neutralização da possibilidade sua intervenção exterior.

Conforme a situação vai-se decompondo no terreno militar, os Estados Unidos vão procurando se adaptar. No início, não aceitavam o Governo Provisório formado pelos sandinistas e propunham um outro governo, de que participassem a Guarda Nacional e o partido de Somoza. Agora, já aceitam discutir e começam a falar em aceitar o Governo Provisório, desde que nele fossem incluídas personalidades "moderadas" e que os sandinistas fossem minoritários. Do mesmo modo, os EUA endurecem a posição em relação a Somoza. Após este declarar que se retiraria sob duas condições: a primeira – manutenção e não depuração da Guarda Nacional e segunda – participação de seu partido e da Guarda Nacional no novo governo, onde os sandinistas fossem minoritários; os

EUA declararam não aceitar estas condições e nem discutir com Somoza. Na verdade, as condições que Somoza colocava eram exatamente... as condições dos EUA.

AS DIFICULDADES DOS EUA

O grande problema dos EUA e da burguesia nicaraguense é que estes dependem (por não ter outras possibilidades de intervir) de Somoza e seu partido, e da Guarda Nacional. E, na verdade, as duas condições mais elementares que coloca hoje o movimento popular são a destruição de Somoza (e afastamento deste) e a destruição da Guarda Nacional. Nenhum setor do movimento popular e do sandinismo está disposto hoje, após esta guerra que dura quase dois anos (e que já lhe custou algumas dezenas de milhares de mortos), a aceitar qualquer condição que passe pela sua manutenção.

Por outro lado, por mais que possam sobreviver setores atrasados do movimento popular e da Frente Sandinista, a destruição das bases de sustentação do imperialismo e do poder burguês, a criação de uma ampla liberdade de organização e manifestação para os trabalhadores e oprimidos e a manutenção de um exército popular, da FSLN e da população armada, fará a correlação de forças pender inevitavelmente para seus setores mais consequentes. Nestas condições, as massas operárias e oprimidas e sua vanguarda, para manter suas conquistas e responder às suas necessidades, saberão descobrir o caminho da Revolução Socialista.

OS SANDINISTAS ENTRAM EM MANÁGUA

A entrada dos sandinistas em Manágua representou uma primeira vitória do povo da Nicarágua no caminho da sua libertação. E uma vitória não apenas pela queda de Somoza. Mas também porque foram derrotadas as manobras dos EUA, que tentaram paralisar a ofensiva final dos sandinistas, com a proposta de dar-lhes uma “pontinha” num governo de conciliação geral, composto por representantes da Guarda Nacional.

E para isso, na última hora, um certo Francisco Urcuyo foi eleito “presidente” e Somoza pegou o primeiro avião.

Mas, a essa altura, falar em composição com a Guarda Nacional parecia brincadeira. Pois, no dia 18, quando os sandinistas desfecharam a ofensiva final, fazendo convergir sobre Manágua as colunas do Sul (Masaya, Diriamba e Jinotepe),

do Norte (León), e do Nordeste (Sebaco), a Guarda Nacional já era incapaz de cumprir as ordens de resistência. Sua decomposição já era evidente: enquanto 14 aviões da Força Aérea Somozista chegavam a Honduras repletos de militares pedindo asilo, em Manágua, dois aviões da Cruz Vermelha eram sequestrados e disputados por membros da Guarda.

Pela noite do dia 18, a Guarda pediu rendição. E no dia 20, os sandinistas entraram em Manágua.

QUEM SÃO E PARA ONDE VÃO OS SANDINISTAS

O que farão os sandinistas depende muito dos passos que serão dados agora. Depende muito de sua capacidade de continuar a golpear ou não o poder político, econômico e militar do imperialismo e das classes dominantes. Se avançarem neste sentido, favorecerão o reforçamento de seus setores mais consequentes, já que nenhum setor popular está disposto a aceitar a manutenção da situação vigente durante o somozismo. Mas, mesmo dentro do sandinismo, existem setores que vacilam. E vacilam porque estão dispostos a concessões que correspondem a seus interesses de classe. Vejamos, então, quem são os sandinistas.

AS ORIGENS DA FSLN E FORMAÇÃO DAS TRÊS TENDÊNCIAS

Os sandinistas nascem em 1962, na esteira da revolução cubana, já que o impacto em todo o continente não pode-

ria deixar de repercutir, particularmente ali a seu lado, na Nicarágua. Inicialmente de inspiração Foquista, pouco a pouco modificam sua orientação, no sentido de uma concepção de Guerra Popular Prolongada, que pode ser resumida nos seguintes pontos: 1 – A luta deve ser armada, para responder à ditadura, que é também armada; 2 – A luta é essencialmente dirigida contra o regime capitalista; 3 – O inimigo é, em última instância, o imperialismo norte-americano, mas é preciso evitar toda forma de provocação que possa induzir a uma intervenção direta deste; 4 – A luta de classes é essencialmente agrária, porque a agroexportação é a base da economia e o campesinato sofre um processo acelerado de proletarização.

Dedicados à guerrilha no campo, ao mesmo tempo que buscam implantar-se na classe operária das cidades, a partir destas duas atividades começam a aparecer formulações diferentes dentro da FSLN, mas que não chegam, no entanto, a provocar divisões. Estas divergências explodem em 1974, a partir de uma ação de sequestro de reféns (trocados por prisioneiros políticos) que, se por um lado multiplica a popularidade da FSLN, por outro, é o detonante de uma repressão feroz da Guarda, que vai destruir todo o trabalho de organização de massas feito na cidade e no campo, nos anos precedentes. A FSLN se divide, então, em duas tendências: a primeira, que mantém as concepções anteriores e se dedica ao aparelho militar da Organização (tendência Guerra Popular Prolongada – GPP) a outra fixa a prioridade do trabalho de massas e a tarefa de organizar um partido proletário (Tendência Proletária). Face a esta divisão, forma-se uma outra tendência, os “terceiristas”, cuja ideia inicial era a “reunificação do movimento em torno de uma estratégia nova”:

de aliança com a burguesia, à qual, a partir da iniciativa militar da FSLN se reuniriam “todas as forças antissomozistas e suscitar-se-ia uma insurreição geral, que seria enquadrada pelo sandinistas”.

A FORÇA E IMPLANTAÇÃO DAS TRÊS TENDÊNCIAS

O resultado destas estratégias vai ser a diferente implantação das três tendências. A Tendência Guerra Popular Prolongada vai implantar-se principalmente no campo (particularmente no Norte) e secundariamente nas cidades (em bairros, fábricas e universidades). A Tendência Proletária vai se implantar principalmente nas cidades (em particular em Manágua), nas fábricas, bairros e universidades e secundariamente no campo. Os “terceiristas”, seja por sua estratégia de colaboração de classes, seja por sua visão imediatista do processo, vão atrair para suas fileiras principalmente a pequena burguesia.

Antes da ofensiva atual, as três tendências tinham, cada uma, uma média de dois a três mil militantes organizados e armados. Os terceiristas eram os mais numerosos, seguidos pela Tendência Guerra Popular Prolongada e, por último, estava a Tendência Proletária. No entanto, a capacidade orgânica deve ser vista na ordem inversa, sendo a Tendência Proletária a mais organizada. O mesmo acontece no nível da elaboração programática e da coesão. Quanto ao armamento, o maior poderio bélico em abril era dos “terceiristas”, já que para esses era destinado o essencial da ajuda da social-democracia internacional. Claro está que, após esta ofensiva,

muito armamento foi “recuperado” da Guarda e esta situação deve ter se modificado.

AS DIFERENÇAS NA TÁTICA E NO DESDOBRAMENTO

A visão imediatista de tomada do poder a partir de uma aliança com a burguesia leva a uma diferença com as outras tendências, mais centradas na ação e organização das massas populares. Os “atos espetaculares” e a iniciativa militar são o terreno predileto dos “terceiristas”, só comparáveis à “sua tendência a ir à mesa de negociação”. Na ofensiva de setembro de 78, tomaram a iniciativa, que teve que ser seguida pelas outras tendências para impedir uma derrota política e militar. Do mesmo modo, sua iniciativa está na origem da atual ofensiva. Primeiro, em Penãs Blancas, iniciaram a ofensiva unilateralmente, e esta resultou numa derrota militar depois de três dias. Isto lhes custou a perda de seu destacamento nessa região, que terminou por aderir às outras duas tendências. Esta iniciativa, feita quando a maior parte das direções das outras duas tendências estavam no exterior, visava ganhar posições em relação a estas, reforçando seu peso no interior da Frente. Somente depois de uma semana de iniciada a ofensiva é que a direção conjunta da FSLN conseguiu estabelecer um plano estratégico para poder assumir a frente do processo. Do mesmo modo, na negociação com o emissário americano, os “terceiristas” (que representavam o conjunto da FSLN), segundo a opinião das outras tendências, “fizeram demasiadas concessões”.

Outra divergência aparece ao final da ofensiva. Os terceiristas defendiam uma trégua enquanto se negociava com

os Estados Unidos. As outras duas tendências propunham atacar Manágua e reforçar as posições da FSLN na negociação.

Os "terceiristas" contam ainda com um forte apoio da social-democracia internacional, já que propõem estabilizar um regime democrático burguês. As outras duas tendências, em particular a Proletária, propõem avançar no sentido do socialismo. Pastora, o "Comandante Zero" dos terceiristas, tão divulgado internacionalmente, é um quadro orgânico da social-democracia. Esta não poupa esforços para reforçá-lo e aos terceiristas, tanto em termos políticos como em dinheiro e armamento. Por exemplo, o comandante Modesto, da Tendência Guerra Popular Prolongada, passando pelo Panamá, cujo governo apoia os sandinistas, foi preso desarmado junto com seus homens. Quanto à Guarda Nacional e a punição pelos seus crimes, os terceiristas se mostram "magnânimos", enquanto as outras tendências, em particular a Tendência Proletária, têm uma posição mais firme. Do mesmo modo, se nota uma grande diferença quanto à organização do poder nas áreas controladas pelos "terceiristas" e as controladas pelas outras duas tendências. Enquanto estas procuram criar organismo de poder popular, aqueles procuram formar governos e administrações com personalidades conhecidas e respeitadas", isto é, com burgueses e liberais.

AS DIFERENÇAS TERÃO QUE SER RESOLVIDAS

Estas divergências não poderão conviver por muito tempo. Segundo informações colhidas com dirigentes da GPP, estes não acreditavam que este governo aguentasse três meses e teriam mesmo pensado em não participar dele. A

estratégia da Tendência Proletária e do GPP aparentemente iria no sentido de “empurrar por baixo e para esquerda”, em direção a um governo dos trabalhadores. Para isto, contam com o apoio das massas populares que não estão dispostas a “entregar a rapadura”. Destruída a Guarda, com milícias armadas e com o grosso do sandinismo comprometido com o movimento popular (as próprias bases dos terceiristas dificilmente acompanharão intactas um movimento no sentido da social-democracia), o movimento popular se verá obrigada a consolidar o seu poder, para poder enfrentar a resistência dos grupos paramilitares que sobrevivem, assegurar suas conquistas, ampliar as nacionalizações e levar à frente a reforma agrária. O problema da formação de uma direção para este processo se transforma, assim, num problema prático e as antigas divisões dos sandinistas certamente darão lugar a um novo reagrupamento em seu interior.

PREPARANDO OS FUTUROS COMBATES

Eliminar os focos de resistência, consolidar o poder sandinista e reconstruir o país são as tarefas que a Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN – trata de enfrentar, quase dois meses após a insurreição popular vitoriosa. Na verdade, as três tarefas têm o mesmo significado: acumular forças e criar condições para dar um novo impulso à revolução.

A primeira tarefa é eliminar os focos de resistência da Guarda Nacional. Após o seu desmoronamento, sobreviveram diversos grupos de soldados que não aceitaram depor as armas e se dedicam agora a atos de sabotagem. A ação destes grupos já causou diversas baixas entre os sandinistas, mais do que em muitas batalhas durante o período da guerra civil. Com a persistência destas ações terroristas, Tomas Borge,

Ministro do Interior, publicou um decreto onde declara que “todos os guardas nacionais que forem pegos com armas nas mãos serão executados imediatamente”. Dia 30 de julho, o jornal *Barricada*, órgão oficial da FSLN, apresentava assim o problema em seu editorial: “A situação atual obriga a nossa vanguarda a tomar medidas de controle, ordem e vigilância, o que só pode ser realizado por nosso exército popular sandinista, como o apoio de todo o povo. Porém, à medida que tudo vai se acomodando e organizando, não à maneira da velha ordem somozista, mas na perspectiva de uma nova ordem revolucionária, nosso exército popular passará a cumprir outras tarefas ligadas à reconstrução nacional e à consolidação e defesa da revolução, contra qualquer intenção contrarrevolucionária, venha do tirano Somoza, da reação local ou do imperialismo Norte Americano”.

CONSOLIDAR O PODER SANDINISTA

“O exército popular sandinista é uma continuidade daquele formado por operários e camponeses e caracterizado pelo seu anti-imperialismo e internacionalismo”. Essas são as palavras de Ortega, um dos três comandantes encarregados da formação do exército popular. Outro desses comandantes, da Tendência Proletária, Luis Carrion, pode nos dar alguns elementos mais “As forças guerrilheiras do FSLN têm diferentes origens e tiveram diferentes práticas (seja prática guerrilheira, a de guerra e movimento e a insurrecional). Trata-se agora de homogeneizar essas forças, superando os particularismos. Também se trata de buscar uma mudança de qualidade e disciplinar a autonomia, improvisação e o tra-

balho desorganizado. Isso tudo recolhendo o melhor que se tem de comum: a audácia e a flexibilidade. A estrutura do exército propriamente dito, as milícias permanentes mobilizadas e outras milícias de mobilização relativamente rápidas”.

Dentro das milícias e de cada companhia, comissários políticos assegurarão a unidade ideológica e política do exército. “A característica principal do exército popular não é sua estrutura, mas o compromisso com o povo trabalhador”.

DESENVOLVER AS ORGANIZAÇÕES DE MASSA

A FSLN dirigiu um povo em luta. Mas as condições bárbaras do somozismo impediram que as organizações populares se desenvolvessem de maneira mais extensa. Cabendo, para que a revolução ganhe um novo impulso, se criar um quadro orgânico para que se desenvolva a mobilização popular. Neste sentido, o jornal Barricada (26 de julho) considera como uma das tarefas prioritárias a organização da Central Sandinista dos Trabalhadores, organizando todas as forças operárias e camponesas.

Por sua vez, em final de setembro, deverá se realizar o primeiro congresso camponês da Nicarágua. Esse congresso reunirá 350 delegados, que, segundo Edgar Tomazias, dirigente da ATC (Associação dos Trabalhadores do Campo), entre outras, procurará discutir a necessidade de trabalhar coletivamente as terras expropriadas aos somozistas, visando alimentar a população.

Do mesmo modo, estudantes tratam de formar a confederação sandinista de estudantes que “reunirá todos aqueles organismos estudantis que participaram na luta contra a ditadura”.

Duas outras atividades ainda vêm sendo enfrentadas, com o objetivo de responder às necessidades de consolidação orgânica do movimento e a relação com suas vanguardas: a construção do “Partido Sandinista de Revolução Nicaraguense” e a criação de organismos de poder. Segundo o companheiro sandinista, a questão do partido está sendo estudada pelo conjunto da FSLN, mas as maiores responsabilidades caíram nas mãos da Tendência Proletária “que já vem se dedicando a esta tarefa há muito tempo”. Essa tendência teria tido um crescimento importante nos últimos meses, nutrida pela ampliação da participação popular e, em particular, dos trabalhadores.

Quanto aos organismos de poder começam a ser eleitos, juntas locais de governo nas principais cidades, os elementos dessas juntas, escolhidos entre os mais destacados combatentes na luta antissomozista, são apresentados em assembleias multitudinárias e eleitos pelo povo (através do levantamento de braços). Por outro lado, se visa criar organizações por bairros e de poder popular que se transformem em comitês de defesa da revolução. Segundo Borges, Ministro do Interior, trata-se de “desenvolver a vida comunitária em cada bairro, em cada rua, para que as pessoas se reúnam para examinar os seus problemas”.

RECONSTRUIR O PAÍS PARA MANTER A UNIDADE DO POVO

A preocupação dos sandinistas com a reconstrução está subordinada à tarefa de consolidação do poder. Ela é necessária para “manter a unidade do povo e de sua vanguarda”. Já dizia Engels que a base da força de um exército está na economia. Mas só na medida em que se satisfaça alguma das

mais elementares necessidades básicas do movimento popular, é que se aprofunda seu comprometimento com o processo revolucionário. E, para poder satisfazer as suas necessidades, é preciso reconstruir minimamente o país. As concessões a setores da burguesia podem ser uma maneira de recompor minimamente a economia e de adiar o confronto inevitável enquanto se consolida o poder. A partir desse tipo de análise é que se pode compreender, por um lado, as concessões dos sandinistas e, por outro, as suas preocupações de que estas concessões não sejam a base de uma acumulação de forças por parte da burguesia.

Uma grande preocupação é não dar argumento para uma invasão imperialista. Na verdade, o que parece existir na cabeça dos sandinistas é que se está vivendo uma trégua. E se busca consolidar posições. Mais cedo ou mais tarde, as contradições aparecerão à luz do dia e o processo deverá dar mais um passo. Nesse sentido, preparar-se, ao mesmo tempo em que busca neutralizar a reorganização e acumulação de forças do inimigo, parece ser o centro da política atual da FSLN.

OS SANDINISTAS ACELERAM O PASSO

"A revolução sandinista caracterizou-se por uma combinação inorgânica de uma ação insurrecional de massas com a ação armada do exército sandinista. Após a insurreição, tratava-se de consolidar e organizar esta relação (com as massas), preparando melhores condições para quando a burguesia busque se recompor e paralisar o processo revolucionário" (Companheiro nº 21).

Naquela época, alguns viam a participação da burguesia na junta de Governo como uma confirmação da "traição" dos sandinistas no processo nicaraguense. Para nós, ao contrário, os sandinistas estavam buscando uma trégua que lhes permitisse "eliminar os focos de resistência somozista, consolidar o poder sandinista (através do reforçamento da organização popular, da consolidação do exército e do Partido Revolucionário), e reconstruir o país (de maneira a criar condições para esta consolidação).

O AVANÇO DOS SANDINISTAS

O poder sandinista conta hoje com uma base econômica sólida. Paradoxalmente, a FSLN se beneficiou da voracidade do somozismo em seu declínio. O ditador, seus próximos e protegidos haviam concentrado em suas mãos mais da metade do potencial econômico do país: grandes extensões de terras, usinas de condicionamento de produtos exportados, usinas de transformações, bancos, sociedades de comércio exterior etc. Nacionalizando os bancos, as companhias de comércio exterior, todos os recursos naturais (e as minas em particular), os latifúndios, o poder econômico passou a se concentrar nas mãos da revolução.

Por outro lado, quando Somoza golpeou os setores da burguesia liberal como medida de represália por seus acordos com os sandinistas, ele golpeou e enfraqueceu o poder econômico destes setores, que foram obrigados, para reorganizar suas indústrias, a aceitar as condições de controle colocadas pelo sandinistas.

O resultado disto tudo é que, com um setor nacionalizado massivo em suas mãos, no campo econômico os sandinistas se colocam em uma posição estrategicamente favorável face às debilidades dessa burguesia liberal.

No campo político, a Frente Sandinista está profundamente mais vinculada organicamente às massas do que quando da insurreição. A organização de centrais, federações e confederações de trabalhadores, camponeses e estudantes multiplicou o potencial de mobilização das massas. Os CDS (Comitês de Defesa Sandinista) criados inicialmente para a

defesa dos bairros contra a Guarda Nacional, se transformaram em órgãos de base da democracia sandinista.

Eles são responsáveis por problemas locais como higiene, vacinação, mutirões, medidas urgentes de toda natureza e principalmente responsáveis pela vigilância revolucionária. No nível militar, consolidou-se o exército popular, que conta com um armamento pesado herdado do regime somozista. Além disso, as milícias estão presentes por todo o país.

IMPONDO NOVAS CONDIÇÕES

A consolidação do poder sandinista durante estes dez meses não o levou, no entanto, a tomar a iniciativa de romper os acordos com a burguesia liberal. Apenas tornou mais rígidas as suas condições, ao mesmo tempo que apoiou as iniciativas das bases trabalhadoras, reforçando as medidas de autogestão no campo e nas fábricas, como um meio de impedir sabotagens e medidas de “descapitalização” das empresas por parte da burguesia.

Recentemente, Sérgio Ramirez, um dos sandinistas da Junta de Governo afirmou quando de passagem pela França: “Nosso objetivo não é aperfeiçoar o capitalismo. Ao contrário, é de modificar radicalmente as estruturas injustas de nosso país. Assim, o setor privado pode ter um papel. Mas ele não poderá mais ter lucros astronômicos”.

No nível da política exterior, também a modificação da correlação de forças já começa a ter seus efeitos. Ainda que se propondo a manter relações com todos os países do mundo, os sandinistas, de maneira cada vez mais clara, avançam para o estreitamento de relações com o bloco socialista. Em

particular com Cuba, cuja solidariedade, entre outras coisas, se manifesta no envio de milhares de especialistas.

O ISOLAMENTO DOS ADVERSÁRIOS DO GOVERNO

A consolidação do poder sandinista, por sua vez, tem como um de seus efeitos a divisão da burguesia em relação à oportunidade de continuar ou não no governo. Três tendências básicas podem ser localizadas no interior da burguesia. A primeira continua achando melhor a participação no governo sob as condições ditadas pelos sandinistas. A segunda quer barganhar com seu poder econômico, procurando tornar mais lento o avanço da revolução e aumentando sua participação no governo. E a terceira, apoiada pelo exterior, quer que os sandinistas renunciem aos organismos pelos quais exercem seu poder, como, por exemplo, os CDSs, as centrais e confederações ou as milícias.

Verificando as modificações da correlação de forças, materializada, por um lado, pela consolidação de seu poder e, por outro, pelo enfraquecimento da burguesia: é que a FSLN tem buscado alterações nas estruturas de poder que correspondam à nova situação. Neste sentido, uma medida central foi a modificação do Conselho de Estado (uma espécie de Assembleia Legislativa), ampliando-o e aumentando a participação dos organismos de massa no seu interior, o que teria como consequência um aumento do peso dos setores populares.

Para tentar impedir esta iniciativa é que Alfonso Robelo, um burguês liberal, demitiu-se da Junta de Governo. Como não poderia deixar de ser, justificou a sua conduta pela "pre-

sença cada vez mais preocupante de soviéticos na Nicarágua” – afirmação que foi considerada “mentirosa e desleal” pelos sandinistas. Ao mesmo tempo, o Conselho Superior de Empresas Privadas (Cosep), uma organização patronal, “advertiu a Junta de Governo sobre os desvios contínuos e alarmantes das promessas de moderação” anteriores à derrubada de Somoza.

Mas, no próprio partido de Robelo, o MDN, 65 personalidades (ministros, altos funcionários e outros membros do governo) declararam que continuarão no governo, colaborando com o processo revolucionário.

Os sandinistas, no momento, parecem querer impedir o confronto total. Tudo faz crer que apostam num processo de decomposição da burguesia, procurando isolar os que agora rompem com o governo e mantendo determinados acordos com outros setores.

Mas, mesmo que não se dê ainda o momento do confronto final, temos certeza, a burguesia terá cada vez mais razões para se preocupar.

APÊNDICE

¿HACIA UNA SITUACIÓN PRE-REVOLUCIONARIA?

“A insurreição sandinista foi derrotada”.

Nenhum jornal burguês deixou de comentar desta maneira breve e superficial o restabelecimento da ordem somozista sobre as principais cidades da Nicarágua. Da mesma maneira que esta imprensa se surpreendia com as explosões insurrecionais de massa que há quase um ano vêm se sucedendo ciclicamente na Nicarágua, desta vez ela se surpreendia, não sem um ar de regozijo, com a derrota sandinista.

Mas houve mesmo uma derrota da insurreição sandinista? Houve mesmo um restabelecimento da ordem somozista?

Não vamos aqui falar do reflexo da crise internacional do imperialismo, que na Nicarágua, como em quase todo o mundo, vai servir de adubo a uma crise nos países dependen-

tes. Não vamos repetir que, graças a ela, o movimento de massas se reanima e as classes dominantes se dividem: cada uma de suas frações buscando influir diretamente no poder para defender os seus privilégios. Não vamos falar dos massacres. Vamos falar das experiências e tarefas que colocam a revolução na Nicarágua para os revolucionários de todo o mundo.

A REAFIRMAÇÃO DE VELHAS EXPERIÊNCIAS

Uma particularidade da situação política nicaraguense é que o centro da oposição ao regime não está dentro das classes dominantes. Ainda que em oposição ao regime, os diferentes setores burgueses e pequenos burgueses não têm partidos e lideranças fortes e não contam com instrumentos militares para se fazer poder e oferecer alternativas de “re-câmbio”.

Um preço que hoje paga o imperialismo e as classes dominantes de quase todos os países latino-americanos, por ter se apoiado exclusivamente na força militar, é que foram destruídas ou enfraquecidas outras alternativas de poder e os mecanismos de controle ideológico sobre as classes populares. Agora em crise, as classes dominantes correm contra o tempo procurando construir os seus partidos e suas organizações, assim como partidos e organizações que lhes sirvam de força de reserva dentro do movimento popular. Isto é condição para poder oferecer outras saídas em relação aos regimes ditatoriais em crise a manter o poder nas mãos das classes dominantes, permitindo sua intervenção direta na direção do Estado.

Dentro deste quadro, a Nicarágua tem características particulares. Não só o poder estava totalmente concentrado nas mãos de Somoza, sua família e da Guarda Nacional, como o que mantinha a coesão interna deste grupo não era principalmente a atividade ideológica, mas a corrupção. Durante esses muito anos de poder, se formou um interesse de castas extremamente forte na família Somoza e na Guarda Nacional, a qual tem sua fonte de riqueza nos privilégios que lhe dá o poder, seja diretamente, através de seus altos salários, seja através da corrupção, ou do direito de pilhagem que aos seus soldados. Somoza e a Guarda Nacional, antes de defender o poder e o interesse das classes dominantes, defendem hoje o seu próprio poder, como meio de defender os seus próprios interesses.

Para isto, Somoza não vacila em se jogar contra as classes dominantes e contra o próprio imperialismo. Sabendo que estes necessitam dele e de sua equipe, na inexistência de toda e qualquer alternativa de recâmbio. Somoza não vacila em matar ou prender lideranças burguesas que possam servir de base a outra alternativa.

O fato de a Frente Sandinista ter construído embriões de uma outra alternativa de poder, dificulta ainda mais a possibilidade incômoda da oposição burguesa. Por um lado, se opor radicalmente a Somoza pode significar deslocar o poder para as mãos do movimento popular e, com isto, pôr por água abaixo todos os seus interesses. Por outro lado, defender Somoza e se comprometer com ele pode significar ser destruído com toda sua casta. Assim, a burguesia se coloca na oposição sem poder sê-la de fato. Busca manter vínculos com o movimento popular, enquanto pressiona Somoza ao

diálogo, tentando um compromisso para, assim, sair do impasse. Seu sonho é “derrubar” Somoza evitando os riscos que isso traz.

A teimosia de Somoza, até o momento, tem dificultado imensamente esta política, atrapalhando as tentativas da oposição burguesa de se “infiltrar” no movimento de massas e obrigando-a a tomar medidas mais radicais para pressionar o ditador e não se cortar deste movimento.

Isto tudo reafirma uma velha experiência do movimento popular, esquecida por quase todos os nossos “hábeis políticos” reformistas. O único meio de dividir e neutralizar setores da oposição burguesa é construir o nosso próprio polo na crise política. Não são as concessões e conciliações de classe, não são os acordos de cúpula, não são as frentes amplas ou de redemocratização que podem atrair ou neutralizar setores da oposição burguesa e pequeno burguesa. A única forma de conseguir isto, é, colocá-las, através da criação de um polo independente e classista na luta de classes, em uma situação em que alinhar-se à ditadura possa significar a perda de todo o seu poder.

A segunda experiência que reafirma a revolução nicaraguense é a relativa ao papel que, em determinadas situações, pode jogar a guerrilha. Se, num primeiro momento após a revolução cubana, houve uma generalização abusiva dessa experiência, num segundo momento, setores importantes da esquerda terminaram por “jogar fora o bebê com a água suja”, quando a generalização apressada se mostrou inoperante.

A experiência recente da Nicarágua mostrou, no entanto, que, apesar de insuficiente para a tomada do poder, a guerrilha pode, em determinadas situações, ser extremamente importante para acelerar as condições objetivas para formação de um poder alternativo às classes dominantes, levando a oposição burguesa e pequeno burguesa a um impasse e a sua neutralização. A guerrilha sandinista se mostrou como uma alternativa prática à Guarda Nacional no campo militar, a única alternativa concreta existente no País. Se ela não “pode substituir o exército dos trabalhadores e oprimidos, se ela não pode substituir-se aos trabalhadores e oprimidos armados” ela acumula forças em quadros militares, em armas, e pode servir como uma direção militar (se praticamente subordinada à vanguarda proletária) às massas armadas, no sentido da coordenação da insurreição.

Como um segundo aspecto, caberia ainda verificar que a guerrilha permitiu, através do impulsionamento de um processo insurrecional, que a vanguarda política popular expressa pela Frente Sandinista oferecesse uma alternativa ofensiva para o movimento popular. Uma alternativa à direção burguesa e reformista que esperava através de uma greve geral passiva “indeterminada” utilizar as massas para fazer que o poder caísse de podre... é claro, nas mãos da burguesia.

Um último aspecto a apontar, seria que, ao permitir à Frente Sandinista passar à ofensiva, a guerrilha contribuiu com a unificação prática dos revolucionários e a coordenação de sua ação, na medida em que facilitava a polarização da luta de classes.

A terceira experiência que nos reafirma o processo nicaraguense é que, sem a construção de organismos de poder

popular e sem existência de um Partido Proletário coeso e solidamente implantado nas massas populares, não existiria revolução socialista.

Aqui é onde cabe ressaltar a especificidade da revolução cubana. Nela a criação de organismos de poder popular (como os Comandos da Revolução, as organizações operárias camponesas e estudantis, que, apesar de seus limites, cumpriram o seu papel) ocorreu depois que a insurreição havia chegado a La Habana. O movimento 26 de julho não era propriamente o que se possa chamar de partido proletário (tanto do ponto de vista das limitações ideológicas, quanto da sua vinculação com a classe operária). O Partido vai se formar após a revolução, no momento da insurreição e coordenação entre o movimento guerrilheiro, a greve geral dos trabalhadores e organizações existentes nas cidades,

Além da conjugação de todos esses fatores no que alguns setores chamam de uma "feliz coincidência histórica" que dificilmente irá se repetir, cabe apontar a surpresa do imperialismo e das classes dominantes que viram passar a revolução por baixo de suas próprias asas e, quando tentaram intervir, já era demasiado tarde, só tendo conseguido acelerar e radicalizar o processo.

No caso nicaraguense, a insurreição impulsionada pelas forças sandinistas não foi suficiente para decompor e destruir a Guarda Nacional e derrubar Somoza (ainda que, como subproduto, tenha acelerado a necessidade da burguesia de desvencilhar-se dele). Mas, mesmo que chegasse à sua derubada, as coisas não estariam dadas. Primeiro, porque no movimento popular, e mesmo dentro da Frente Sandinista, ainda restam ilusões de compor um governo de salvação na-

cional com a burguesia, ou de colaboração de classes de uma sociedade democrática burguesa. A manutenção da Frente Sandinista e de seu aparelho militar são contraditórios com este tipo de saída. Em outras experiências, movimentos de libertação nacional, face a este tipo de ilusões, dividiram-se enfraquecendo-se como alternativa de poder, ou terminaram desarmando as massas, para permitir uma pacificação da sociedade. Por último, mesmo tomando o poder, colocar-se-ia a possibilidade iminente de uma intervenção direta do imperialismo, ou através de outros exércitos da região da OEA (como ocorrido em São Domingo). Apesar das dificuldades internacionais para uma operação deste tipo, dificilmente levaria o tempo que levou para reagir no caso cubano.

UMA OFENSIVA PARA DERRUBAR SOMOZA OU PARA ACUMULAR FORÇAS?

Segundo a imprensa burguesa, o objetivo da ofensiva insurrecional era a queda imediata de Somoza. A partir desta análise, estaria comprovada a derrota da Frente Sandinista e sua incapacidade de medir forças com a Guarda Nacional.

Se algumas declarações sandinistas falavam em "insurreição geral", é, no mínimo, apressado dizer que seu objetivo era, naquela ofensiva, a derrubada de Somoza. Porque a insurreição geral não quer dizer derrubada imediata, ainda que quando uma força revolucionária passa a ofensiva generalizada contra o poder ela tenha, evidentemente que considerar a hipótese de uma decomposição do exército inimigo que abra a possibilidade de tomada do poder. Outras declarações de dirigentes da Frente iam no sentido de caracterizar que

se tratava de abertura de uma fase ofensiva, mas que esta não obrigatoriamente teria um desenlace imediato. É possível mesmo que houvesse dentro da Frente diferentes análises sobre o assunto, já que é formado por três tendências. Pela forma como se desenrolou a ofensiva, pode-se ver que os sandinistas não jogavam o "tudo ou nada". Após a ocupação de diversas cidades importantes, e a resistência por quase uma semana, as forças sandinistas retiraram-se de maneira organizada.

Independentemente do nível de consciência que tinham os militares da Frente, o que cabe considerar é que a "insurreiçãõ geral" jogou um papel fundamental de acumulaçãõ de forças, no sentido de superar, ou de contribuir para a superaçãõ de algumas das debilidades centrais do processo.

Entãõ, vejamos: em primeiro lugar, a Frente Sandinista não sofreu baixas importantes nas suas forças. Os quadros perdidos não chegavam à décima parte dos novos combatentes incorporados no processo insurrecional. É claro que estes novos combatentes passarãõ por um processo de formaçãõ, preparaçãõ e amadurecimento. Mas as próprias características da luta já trabalharam neste sentido, assim como serviram a sua seleçãõ. Além do mais, o que significa um combate deste tipo, como amadurecimento e preparaçãõ de uma organizaçãõ, é difícil de se imaginar, e este combate serviu tanto para a Frente como para a populaçãõ, como um ensaio geral de uma possível insurreiçãõ futura. Do mesmo modo, no nível de armamentos, tanto pelo que conseguiu retirar da Guarda Nacional, quanto pelo o que se obteve pela solidariedade internacional, ela aumentou em muito o seu potencial de fogo.

No nível político, também a ofensiva serviu à Frente no sentido do seu amadurecimento como vanguarda popular. Aprofundou o vínculo com as massas trabalhadoras urbanas, que puderam ver nos sandinistas a única força política nicaraguense capaz de dirigir suas lutas e levar um combate efetivo contra a Guarda Nacional e a ditadura somozista. No nível internacional, os sandinistas ganharam um reconhecimento político que se reverte diretamente em um apoio político e isolamento de Somoza; na possibilidade de dinheiro; armamento, e mesmo no recrutamento de um potencial combatente (centenas de jovens da América Central organizaram e organizam hoje brigadas para lutar ao lado dos sandinistas). Por último ainda, um bom balanço do processo que se desenvolveu pode contribuir decisivamente para o amadurecimento político e ideológico da Frente Sandinista, no sentido da formação do partido proletariado.

Em segundo lugar, tudo leva a crer que a ofensiva teve (e pode ter maiores) efeitos positivos. Os massacres que sucederam ao "restabelecimento da ordem", não foram suficientes para abalar a disposição de lutas dos populares. Se é inegável que o assassinato de cerca de uma dezena de milhar de populares nas cidades insurretas é uma perda indiscutível do ponto de vista revolucionário, nem sempre os massacres servem a uma consolidação da ordem burguesa. A repressão, praticamente, não atingiu as forças sandinistas e as características bárbaras e vingativas "exemplares", segundo a Guarda, não conseguiram atingir de maneira efetiva e só serviram para aprofundar o ódio popular em relação ao regime somozista. Aliás, o efeito desmoralizador que pode ter um massacre não está ligado à sua violência, mas ao fato

de suas forças populares terem ou não participado da luta e de sentirem esta como sua. O fato de se manterem as forças revolucionárias praticamente intactas e com possibilidade de tomar a ofensiva ao contrário, por exemplo, do que ocorreu no Chile, contribui muito para impedir o efeito desmoralizador que poderia ter a repressão.

A participação dos trabalhadores urbanos e da juventude nos conflitos abrem, por outro lado, as condições para aprofundar a sua organização e caminhar no sentido da construção de embriões de um poder popular, do mesmo modo que esses trabalhadores e jovens trabalham no sentido do armamento popular e da preparação para insurreições futuras.

Tudo isto permite afirmar que a ofensiva insurrecional de setembro serviu à acumulação de força e à superação de algumas limitações fundamentais do processo revolucionário nicaraguense no sentido da tomada do poder. No entanto, cabe ter bem presente a capacidade da Frente Sandinista aprofundar este processo, do qual depende o futuro imediato da revolução na Nicarágua.

RECUPERAÇÃO DAS CLASSES DOMINANTES OU UMA SOLUÇÃO VITORIOSA?

A ofensiva, como não podia deixar de ser, teve efeitos contraditórios nas classes dominantes. Por um lado, favoreceu sua unificação, na medida em que agiu em Somoza no sentido que este entendesse que a tendência era a situação tornar-se insustentável, e em setores da oposição burguesa, assustados com a possibilidade de perda total de seu poder, no sentido de buscar o diálogo com Somoza para estudar uma saída da

transição. Mas, ao mesmo tempo em que agia no sentido de unificar as classes dominantes, a ofensiva insurrecional atuava para dificultar esta solução. Ao aprofundar o ódio popular em relação ao regime Somoza e mostrar a força da oposição revolucionária, ela mostrou a impossibilidade de compromisso que mantenha à parte, a Frente Sandinista. Aprofundando o isolamento de Somoza e da Guarda Nacional, as lutas recentes dificultam uma saída do somozismo sem Somoza, na medida em que uma solução deste tipo dificilmente conseguiria sucesso na atração do movimento popular para uma solução burguesa que não significasse o desmantelamento e as depurações na Guarda Nacional. É isto, que explica que a oposição burguesa ainda procure o compromisso com Somoza, reivindicando a participação dos sandinistas, num aceno. A marginalização dos sandinistas implicaria, por um lado, se comprometer publicamente com os responsáveis do massacre e, por outro, a marginalização dos setores populares deste acordo. Não são os seus desígnios democráticos que levam a oposição burguesa a não querer marginalizar o povo e os sandinistas. É a compreensão de que uma solução deste tipo encontraria a oposição do bloco popular e a possibilidade de enfrentar, agora ela, uma insurreição popular.

A política da oposição burguesa vai, portanto, no sentido de atrair os sandinistas, ou uma parte deles, para uma solução que busque reorganizar o poder burguês no país, estruturando uma democracia burguesa o mais restrita possível, mas fazendo as concessões necessárias para recompor a dominação capitalista no país. A possibilidade de uma solução burguesa, portanto, está diretamente ligada ao comportamento da Frente Sandinista. Como a possibilidade de uma

solução revolucionária está na capacidade dos sandinistas de se manterem unificados com o bloco popular em torno da luta por uma solução revolucionária, que continua acumulando forças para formação do Partido Revolucionário e de embriões de um poder alternativo, revolucionário, capaz de servir de base a uma insurreição vitoriosa dos trabalhadores e oprimidos.

A DIMENSÃO INTERNACIONAL DA REVOLUÇÃO NICARAGUENSE

Não é só pelas suas experiências que a insurreição nicaraguense ganhou rapidamente uma dimensão internacional. Ela é um reflexo, com um papel multiplicador, da tendência de crescimento da luta de classe no continente, aumentando o seu peso específico dentro do quadro político internacional.

O crescimento das lutas, não é suficiente para inverter o quadro de contrarrevolução que se caracteriza em nosso continente. Mas já há algum tempo, começam a se evidenciar sintomas de alterações parciais da correlação de forças. A retomada das lutas populares e operárias em particular, que se manifestam em diferentes países, começam a superar a situação de refluxo que se caracteriza imediatamente após a derrota da revolução chilena. Esta retomada das lutas, que se dá ainda nos limites de uma luta de resistência, se manifesta em um momento particularmente difícil para o imperialismo americano, quando este procura enfrentar a crise econômica internacional, recompor a sua hegemonia no bloco imperialista e onde, a recomposição de suas forças visando recuperar a iniciativa ao nível internacional, passa em grande parte pela

reorganização de sua dominação no que já se chamou de o seu “quintal”: o continente latino-americano. Nesse momento, a possibilidade de perder o controle e se abrir um período de ofensiva poderia lhe ser fatal.

A insurreição sandinista de setembro não pode ser considerada, como já dissemos, uma ruptura com a situação de conjuntura contrarrevolucionária que vive a América Latina. Mas pode ser considerada, sem dúvida, como uma ofensiva do movimento popular, no quadro de uma situação de resistência. É neste sentido que se pode considerar que o processo revolucionário na Nicarágua passa, neste momento, a se refletir e polarizar o conjunto de luta de classes do continente. Naquele país se joga hoje a acumulação de forças da resistência em seu conjunto. Seu avanço ou retrocesso passará a reforçar uma outra tendência, uma ou outra classe, a revolução ou a contrarrevolução.

De forma apenas sentida ou de forma consciente, este reflexo já pode ser percebido no continente. Os EUA sustentaram Somoza, a social-democracia, via Venezuela e que procurou também intervir. Nenhum governo da região deixou de tomar posição, ainda que alguns de forma dúbia, o que era fruto de uma situação incômoda. Mas mais do que isto, no do próprio movimento popular, se sentiu o seu reflexo, cuja a repercussão mais direta (mas, nem por isto, a mais importante), foi a formação de brigadas em diferentes países do continente, em particular da América Central, para lutar ao lado dos sandinistas.

O avanço da revolução nicaraguense e a tomada do poder pelos trabalhadores daquele país teriam repercussões imensas em todo o continente, obrigando a realinhamentos

nas classes dominantes e no movimento popular de toda a América Latina, desequilibrando a iniciativa do imperialismo e possivelmente invertendo a situação de conjunto; rompendo com o quadro de contrarrevolução e abrindo um período de ofensiva de massas no pátio do imperialismo americano com todas as consequências que isto teria no campo internacional.

Mas, mesmo sem considerar esta hipótese, a mais favorável, mas, nem por isso, a mais provável, bastaria que se mantivesse uma situação pré-revolucionária prolongada e de ofensiva insurrecional de massas naquele País, para que as repercussões desse processo no continente se fizesse sentir como elemento de reflexão para as classes dominantes no sentido de modificar as suas formas de dominação (na medida em que se colocaria a questão de até onde podem ir as consequências da dominação sob a forma de ditadura aberta) e, principalmente, pelo efeito ideológico e político que teria nas massas populares e nas suas vanguardas, como estímulo à sua luta.

A responsabilidade hoje, como acima exposto, está principalmente nas mãos dos camaradas sandinistas. Na sua capacidade de manter-se à frente do processo no caminho da construção do poder dos trabalhadores, da construção do seu exército e do partido proletário. De sua capacidade de contornar todas as tentativas da burguesia e do imperialismo de desmobilizar e desarmar as massas, seja pela violência, seja pela tentativa de atraí-las para uma solução de "reorganização nacional" voltadas para a construção de uma democracia burguesa no País, desviando-as de uma solução revolucionária.

ria, é que, no nível imediato, depende o desenvolvimento do processo no conjunto do continente.

Mas este processo depende também de nós, os revolucionários de todo o continente. Nossa responsabilidade se dá no apoio direto, político e orgânico à atividade revolucionária dos trabalhadores nicaraguenses e de sua vanguarda. Dá-se também na contribuição que possamos levar ao amadurecimento político, teórico e ideológico dos companheiros sandinistas, colocando à sua disposição nossas experiências. E no aprofundamento da luta de classes em nossos países, dificultando a solidariedade entre as classes dominantes do continente e de seus exércitos no sentido de sufocar o ímpeto revolucionário que se vive hoje na Nicarágua.

OS GUERRILHEIROS ESTÃO CHEGANDO

A situação da América Central continua colocando-a como a área mais instável da dominação imperialista na América Latina. A dominação imperialista na região mantida a “mano dura” na década de setenta, com o aguçamento da crise econômica na região, terminou por fazer com que o crescimento do movimento popular assumisse um cunho revolucionário. A primeira resposta a este ascenso de lutas foi um aumento ainda maior da repressão. A ferocidade das ditaduras militares cresceu, estendendo a repressão violenta inclusive a setores liberais. Os massacres de bairros inteiros na Nicarágua não diferem em muito, na verdade, da repressão e assassinato por franco-atiradores, durante as manifestações de massa em El Salvador, ou do assassinato de lideranças a sangue-frio na Guatemala.

GUATEMALA: MASSACRES A CONTA-GOTAS

Na Guatemala, um país de seis milhões de habitantes, não existem presos políticos. Isto não impede, no entanto, que só no ano de 1979 tenha havido cerca de 3.000 militantes do movimento popular desaparecidos.

Desde a queda do governo progressista de Jacob Arbens, em 1954, a Guatemala é governada por regimes militares, legalizados por uma bem montada farsa parlamentar. Mas a pressão ao movimento revolucionário não é principalmente desenvolvida pela ação direta das instituições da ditadura militar. A repressão é assumida pela sua complacência por organizações paramilitares, onde a mais importante é a tristemente célebre "Mano Blanca", responsável por alguns milhares de assassinatos. Um verdadeiro massacre a conta-gotas. A esquerda revolucionária, durante este período, caiu na cilada de entrar no caminho da resposta através da "execução dos responsáveis pelo terror", e chegou a estar em determinado momento praticamente dizimada. No entanto, o movimento operário e sindical na Guatemala (um dos mais fortes da região), nunca chegou a ser destruído, movimento sem um grau importante de organização e mobilização. Ao mesmo tempo, nota-se, no final da década de 70, um processo de reorganização das forças políticas e um crescimento de suas atividades políticas e militares. O processo revolucionário na Nicarágua serviu para reforçar esse processo, e na incapacidade do Governo Militar consolidar um equilíbrio, devido à crise econômica, de desenvolvimento das contradições no seio das classes dominantes, e de crescimento popular no país e na sua região, poderá levar a que se instaure na Guatemala uma situação pré-revolucionária.

QUANDO NOSSOS GUERRILHEIROS VOLTAREM

Imediatamente após a insurreição vitoriosa da Nicarágua, uma brincadeira percorreu o conjunto da América Central e particularmente El Salvador. Um popular perguntava: “sabe por que ainda não houve uma insurreição popular em nosso país?” Quando outro respondia que não sabia ele complementava: “porque nossos guerrilheiros ainda não voltaram da Nicarágua”.

A brincadeira traduz um pouco a situação e o clima em El Salvador. A década de 70 se abre com a formação de uma organização política e militar marxista-leninista: as Forças Populares de Libertação – Farabundo Martí (um guerrilheiro que tinha lutado na Nicarágua com Sandino). Este fato é apenas o aspecto mais alto de um processo de luta ideológica no seio do PC, que aponta o caminho da luta armada. Mas nascida em um momento de derrotas das forças guerrilheiras na América Latina, A FPL já nasceu tirando as experiências dessa derrota e apontando o caminho da vinculação da luta militar à luta de massas. Em 1973/74 se abre uma conjuntura de ascenso da luta de massas. Em 1975, em alternativa ao Fapu e sua perspectiva legalista, é formado o Bloco Popular Revolucionário (BPR) sob a influência das FLPs. Esta organização de massas, baseada em uma estratégia revolucionária, reuniu inicialmente um pequeno número de sindicatos camponeses, operários, estudantes e de professores, mas ganha repercussão e começa a polarizar para o seu interior um grande número de organizações de massa, e, no seu exterior, a influenciar ideologicamente o próprio Fapu. Ao mesmo tempo as FPLs desenvolvem um aparelho militar que se dedica à prática de guerrilha no campo, a ações militantes na cidade, buscando uma vinculação direta com as mobilizações operárias

e camponesas. Mais recentemente, as FPLs desenvolvem um processo de formação de milícias de operários e camponeses armados e coloca no centro de suas preocupações a formação do Partido Revolucionário do Proletariado.

O ano de 1979 é um ano importante para as lutas populares em El Salvador e de crescimento de suas lutas, o que leva o imperialismo e setores das classes dominantes, que procuram tirar uma experiência da Nicarágua, a buscar transformar a sua forma de dominação naquele país. O Golpe Militar, ao final do ano passado, é uma expressão desta busca. No entanto, o movimento popular consegue manter a iniciativa. As organizações políticas e militares e as frentes de massas traçam uma política de discutir com o novo governo, apresentando suas reivindicações, ao mesmo tempo em que impulsionam ações de massa e de vanguarda de maneira independente. Este processo serve para desmascarar o caráter do novo governo perante as massas atrasadas, e faz com que as lutas ampliem sua intensidade, e que se deflagra uma crise e demissões dentro do próprio governo.

O ascenso de lutas, por sua vez, favorece a influência ideológico-política das forças revolucionárias. O início do ano é marcado pela ascensão do próprio Partido Comunista a uma linha insurrecional e a uma unificação do movimento popular, através da formação de uma frente das organizações de massas: a Coordenadora do Movimento de Unidade Popular Revolucionária (reunindo a BPR, o Fapu, a LP28 e a UDN); e, por outro lado, uma frente das organizações políticas: o Organismo de Coordenação Revolucionária (reunindo as FLPs; a Farn e o PCS). Nos últimos dias, grandes manifestações de massa, que chegaram a reunir mais de 100.000 pessoas, foram asseguradas.

Ao mesmo tempo, ações armadas na cidade e o recrutamento das guerrilhas no campo abrem o campo para uma explosão insurrecional e abertura de uma guerra civil.

NICARÁGUA: UM NOVO FLUXO DA REVOLUÇÃO?

As forças sandinistas, quando assumiram o poder, definiram como sua tarefa a consolidação desse poder. Os acordos com a burguesia e a formação de um Governo Provisório visavam basicamente unificar e organizar o movimento popular, preparando o futuro e inevitável conflito com a burguesia. A revolução sandinista caracterizou-se por uma combinação inorgânica de uma ação insurrecional de massas com a ação armada do exército sandinista. Neste período, tratava-se de consolidar e organizar esta relação, preparando as condições para quando a burguesia buscasse se recompor e parar o processo revolucionário. Recentemente, a deposição de dois ministros, Bernardino Lario e Robert Mayorca (respectivamente Defesa e Planificação), e a sua substituição por dois comandantes sandinistas, foi, ao mesmo tempo uma manifestação de consolidação da revolução. Do mesmo modo, os avanços no sentido da organização da Central Sandinista dos Trabalhadores, da Confederação de estudantes, de camponeses e da formação do Partido Sandinista da Revolução.

A abertura de um confronto com a burguesia, consolidada a organização do movimento popular, de seu exército e do partido revolucionário, serviria para acirrar o processo de luta de classes na Nicarágua e determinar um novo impulso do processo revolucionário. E isto não ficará sem consequências no conjunto do movimento revolucionário da América Central.

CONTRACAPA

(1ª EDIÇÃO)

ANIVERSÁRIO DE UMA REVOLUÇÃO

19 de julho de 1979. Ruíam os últimos pilares da Guarda Nacional da Nicarágua. As forças de Somoza se decompunham e debandavam. A insurreição tinha sido vitoriosa, como em Cuba. Mas aqui, a combinação de uma ação de massas e de uma coesa vanguarda político-militar se caracterizava de maneira mais nítida. Sem dúvida, a insurreição na Nicarágua teve um caráter de massas. De massas armadas. Nítido também o papel da Frente Sandinista como direção. Assumindo sua responsabilidade como vanguarda, mas sem substituir-se ao movimento. Uma lição de unidade. Unidade no nível da vanguarda revolucionária, que soube utilizar o avanço da revolução como critério para a superação de suas divergências, reunindo sob uma só bandeira, as três tendências da Frente Sandinista. Unidade do movimento popular forjada na ação revolucionária das massas.

A esta revolução, que nos permite estudar e tirar experiências para nossa luta, a esta revolução, que abre o campo para modificar a correlação de forças entre a revolução e a contrarrevolução em nosso continente, a esta revolução, que é um estímulo para o avanço da revolução em nosso país, a esta revolução somos solidários e nos comprometemos a defender.

POSFÁCIO

“Os sandinistas aceleram o passo” é um retrato fiel da percepção estratégica de quem participava dos movimentos revolucionários, que no final da década de 1970, se contrapunham a hegemonia norte-americana. Hegemonia esta consolidada após a vitória na segunda guerra mundial, mas que era dada, naquele momento, como em franca decadência. A década que acabava viu os americanos se retirarem do Vietnã, serem derrotados no Laos e no Camboja, desistirem da paridade do dólar com o ouro, saindo do acordo de Bretton Woods, sofrerem com os sucessivos choques de preços do petróleo e, no último ano da década, serem surpreendidos com as vitórias das revoluções islâmica do Irã, socialista na Ilha de Granada e sandinista na Nicarágua.

A grande potência também estava, desde a década anterior, crescendo sua economia em um ritmo inferior a suas parceiras mais bem-sucedidas do mundo capitalista, como Alemanha e Japão, o que apontava um claro desequilíbrio, a longo prazo, entre os custos dos compromissos militares assumidos pelos americanos e o retorno econômico que essa hegemonia estava trazendo.

Neste contexto, as vitórias de grupos de inspiração socialista na América, Granada, em março, e Nicarágua, em julho de 1979, se apresentaram como grandes derrotas imperialistas, apesar dos pequenos países (Granada: 344 km², ± 100 mil habitantes / Nicarágua: 130 mil km², ± 6 milhões de habitantes) onde ocor-

reram, pois apontavam um possível caminho para os povos da América Latina e Caribe. Um caminho onde a unidade das forças populares se mostrava capaz de derrotar o imperialismo. “Não haverá uma outra Cuba”, haviam dito os americanos desde os anos cinquenta. Na América Central, os movimentos revolucionários estavam em clara expansão da sua capacidade de resistência e, na América do Sul, os movimentos pela redemocratização apareciam como uma possibilidade concreta de término dos muitos regimes subordinados a Washington

Com a eleição de Reagan e consequente virada para a direita na política americana em 1980, Granada se apresentou, pela sua minúscula capacidade militar, como o alvo mais fácil para uma demonstração de força extremamente necessária no front interno e externo. A intervenção imperialista direta aconteceu em outubro de 1983, mas a brava resistência dos granadinos e seus companheiros cubanos, além da imediata rejeição internacional dos alegados “motivos” americanos, tornou duvidoso o resultado desta demonstração de poder militar. O que terminou sendo para os americanos uma experiência, um aprendizado, que desencorajou, por exemplo, a intervenção direta das forças armadas americanas na Nicarágua, onde preferiram continuar a investir na contra revolução clandestina, através do financiamento e envio de armas aos “Contras” instalados nos países vizinhos de Honduras e El Salvador.

Nas décadas seguintes o imperialismo norte americano se recompôs e conseguiu grandes vitórias sobre os movimentos populares, a ruína do seu inimigo estratégico da guerra fria, superar em crescimento econômico seus parceiros capitalistas desenvolvidos e implantar em grande parte do planeta suas políticas econômicas neoliberais.

Os sandinistas aceleram o passo

Recentemente outros fatores econômicos, militares e políticos parecem tender a equilibrar a balança de poder entre as nações mais poderosas, porém o ímpeto revolucionário continua grandemente contido e não podemos abdicar de conhecer este momento de inflexão histórica onde a hegemonia do capital esteve em cheque.

ARQUIMEDES MARTINS CELESTINO
Junho de 2024

SUMÁRIO

Apresentação	3
As jornadas de setembro de 1978	7
Um balanço militar: os sandinistas face ao poder	9
Quando os ratos abandonam o navio	16
Ofensiva geral sandinista.....	19
Proposta dos EUA neutraliza OEA	21
Governo provisório em Rivas?.....	25
Do equilíbrio à ofensiva estratégica	28
As dificuldades do imperialismo e dos padrões.....	33
Os sandinistas entram em Manágua.....	37
Quem são e para onde vão os sandinistas?.....	39
Preparando os futuros combates.....	45
Os sandinistas aceleram o passo	50

APÊNDICE

¿Hacia una situación pre-revolucionaria?	56
Os guerrilheiros estão chegando.....	71
Contracapa (1a edição)	76
Posfácio	77

Nilton Bahlis dos Santos começou a fazer política no Colégio Julinho em Porto Alegre. Em 1964



entrou na Faculdade de Arquitetura, onde participou do Diretório Acadêmico. Em 66 foi eleito para o DCE-UFRGS, depois para a UEE-RS e para a diretoria da UNE, em 1967. Como seu diretor, participou da organização das lutas do Movimento Estudantil de 1968, dos debates sobre educação e da tentativa de reorganizar os Centros Populares de Cultura (CPC) da UNE, que organizavam ações dos estudantes diretamente junto a setores populares: atividades culturais, ações de educação, de saúde e saneamento, construções de habitações populares em sistemas de mutirão e outras.

Em 1969, mudou-se para o Rio, vivendo na semiclandestinidade até 1972, quando, com a queda de quase 200 companheiros, se exilou no Chile. Com o golpe 1973 foi para a França, protegido pela Comissão da ONU para Refugiados, até 1979, quando voltou ao Brasil.

É jornalista, produtor cultural, doutor em Ciência da Informação, e especialista em sistemas complexos, redes sociais e Internet.

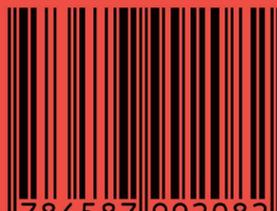
Além dos livros desta **Coleção Correspondência Internacional**, a Arquimedes Edições editou, do autor, **A informação e o paradigma holográfico**, 2020.



Este livro é uma reedição de uma obra criada no calor da Revolução Sandinista da Nicarágua, foi publicada inicialmente como artigos semanais no jornal "Companheiro", de 1978 a 1980, e lançada originalmente como livreto pela Editora Avante no final de 1980. Traz reportagens, análises, documentos e entrevistas que mostram a força da unidade quando um povo não abre mão de controlar o seu destino.

A edição original fazia parte do intenso trabalho de defesa de todos os povos latinoamericanos, desenvolvido pelo Comitê de Solidariedade com os Povos Latino-Americanos (Cosplam) e outras organizações populares, no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século passado. É época em que o autor, Nilton Bahlis dos Santos desenvolveu, como correspondente internacional dos movimentos dos povos por sua autonomia e liberdade, além do presente livro, uma série de publicações sobre a agitada vida política da América Latina.

ISBN: 978-65-87992-08-2



9 786587 992082

www.ArquimedesEdicoes.com.br/sandinistas